

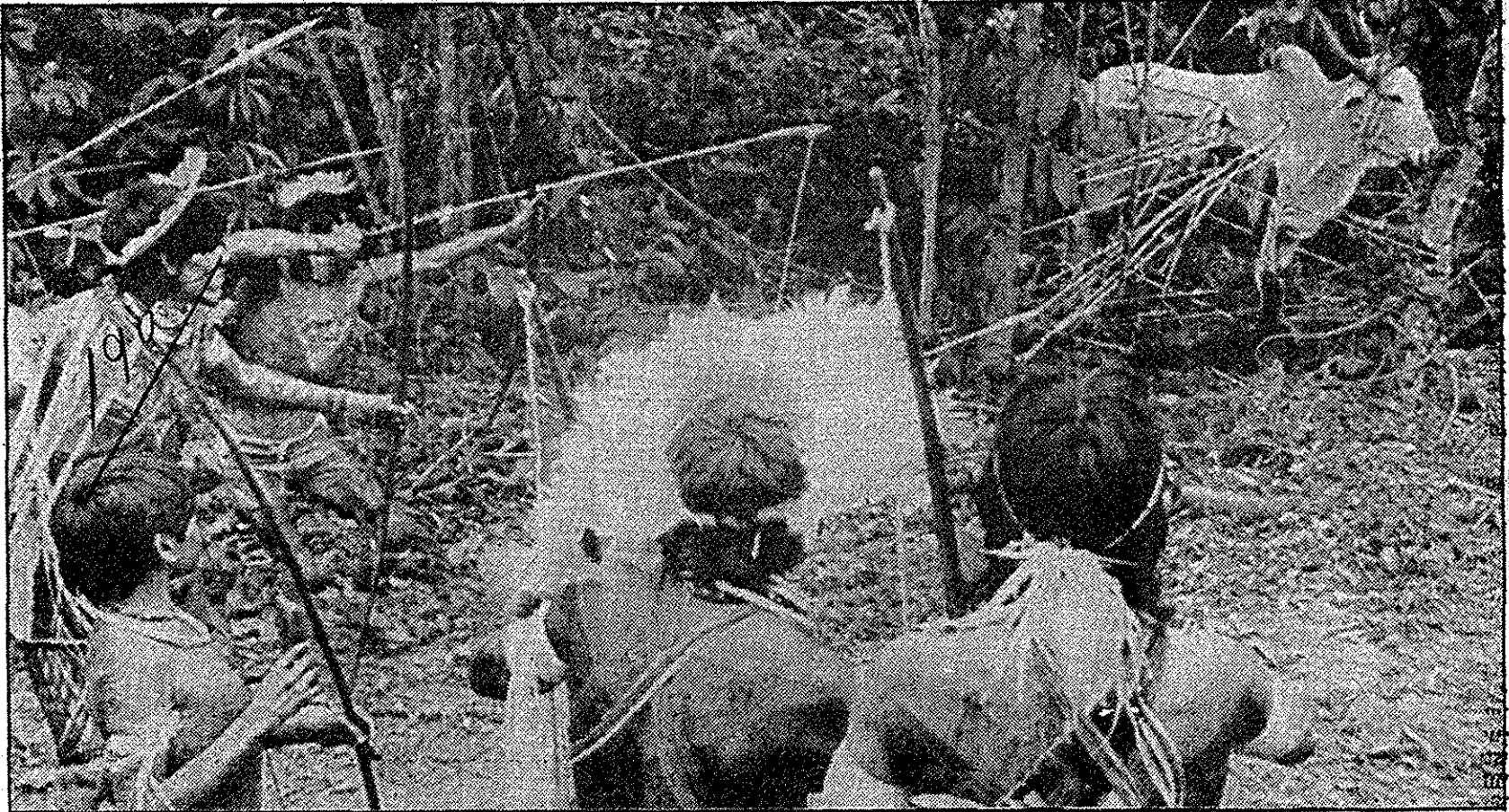
CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Carta Popular Class.: 99

Data: 14/05/87 Pg.: _____

Luciano Andrade



Em vez de caça, os zoros mataram uma novilha oferecida pela Funai

Decreto garantiu área para a tribo

Índios zoros comemoram demarcação de suas terras

Marcelo Tognozzi

O teco-teco vermelho cruza o céu de Rondônia. São 10 horas e o calor é insuportável. Lá embaixo, a selva é compacta com seus vários tons de verde. O piloto manobra procurando a pista de pouso do posto da Funai da área indígena de Lourdes, onde fica a aldeia Gavião. De repente, cercada de árvores maiores que muitos edifícios do Rio ou São Paulo, aparece a pequena pista de terra batida. Os cinco jornalistas que estão dentro do avião não têm certeza se a tentativa de pouso vai dar certo, mas o piloto mergulha e o teco-teco aterriza suave.

Imediatamente, uns 50 índios pintados de preto e vestidos a caráter, com todas as plumas, cercam o avião. São zoros, gaviões e araras, representantes de três das seis principais nações que vivem no parque Grande Aripuanã, uma reserva de cerca de 33 mil quilômetros quadrados (pouco maior que o Estado de Alagoas) cravada entre os Estados de Rondônia e Mato Grosso.

Os índios estão em festa, comendo e dançando há três dias. E são três os motivos para a comemoração. Através do decreto 94.088, assinado em março pelo presidente José Sarney, os zoros, que vivem ao Norte de Lourdes, conseguiram que seus 431.600 hectares de terra fossem demarcados. Eles contaram com a ajuda do cacique Catarino, dos gaviões, que agora vai morar com os zoros. No seu lugar ficará seu irmão Alberto, um gavião que usa óculos e não costuma andar enfeitado com penas, colares e cocares. A troca de caciques é outro motivo para a festa. O terceiro é o Dia do Índio, que este ano caiu na época da colheita do milho.

Do aeroporto improvisado, um caminhão leva os índios, e uma caminhonete os visitantes, para a picada que dá acesso à aldeia. Alguns quilômetros adiante, temos de deixar a caminhonete e seguir a pé por um estreito caminho no coração da selva, onde as copas das árvores cobrem o céu. Ali, amarrada numa árvore, uma novilha branca aguarda a vez de virar churrasco.

O animal está assustado, tenta se livrar das cordas e ameaça chifrar quem se atrever a chegar perto. Minutos depois, um grupo de mais de 30 guerreiros, chefiados pelo cacique Paio (zoro) e Catarino aparecem gritando, armados com arcos e flechas. A novilha tenta investir contra eles, pula, agita os chifres. Os índios perfilam-se. Ela muge pressentindo a morte. Catarino dá o sinal e os guerreiros disparam as setas afiadas que rasgam o couro da novilha. Ela ainda tenta ficar de pé, mas o sangue flui aos borbotões. Não dá para resistir.

Depois desse ritual, todos seguem para a aldeia caminhando quatro quilômetros mata adentro. Os visitantes suam muito e alguns param para beber água cristalina que corta a picada através de vários riachinhos encontrados pelo caminho. Na aldeia, onde 40 gaviões moram numa grande maloca, o grupo é recebido com chicha ou macalama, uma espécie de aguardente feita de milho cozido, fermentado com a saliva das

índias. O gosto da chicha é azedo e seu cheiro forte. Os índios bebem o tempo todo, vomitam e voltam a beber até ficarem zonzos.

Uns 20 metros ao lado da maloca está uma churrasqueira, onde a carne de uma outra novilha morta no dia anterior assa em espetos de pau. A carne de vaca, nessa festa, substitui a tradicional carne de caça como macaco, paca e anta. Os índios não caçaram desta vez, porque a Funai deu as novilhas.

Dentro da maloca as índias cuidam da comida e as crianças pequenas ficam em redes ou circulam próximas a um braseiro. No fundo da aldeia, um igarapé de águas límpidas era o único remédio para o calor. Alguns visitantes che-

gam a entrar de roupa, os índios também se banham, aguardando o momento de dança taboca. A taboca é uma grande flauta de bambu, com cerca de um metro e meio de comprimento, e que tem som grave.

Com ela, chegam pela picada que leva à aldeia uns 20 índios. Dançam em homenagem ao cacique Alberto, que assume a tribo, e ao cacique Catarino, que vai viver com os zoros. Os índios dançam por mais de meia hora e os dois caciques ficam dentro da maloca sozinhos.

Assim que termina a dança um porco é amarrado no centro da aldeia e o mesmo ritual de morte por que passou a novilha se repete. Em seguida, um grupo de seis guer-

reiros zoro vem oferecer a Catarino, agora protetor de seu povo, quatro jacarés vivos. Alberto está na maloca com Catarino e os guerreiros lançam os jacarés para dentro. Eles são mortos a pauladas por um dos caciques.

Depois de mortos, os jacarés são cortados em pedaços, as vísceras separadas. Parte deles, com couro e tudo, vai ser cozida num caldeirão de água fervendo. Outra parte vai servir para a farinha de jacaré, que é feita com o animal torrado e depois pilado com mandioca. A farinha é servida com beiju de milho.

Só quando termina o ritual dos jacarés é que o cacique Catarino — um índio baixinho, que tem duas mulheres, uma índia com quem é casado há 17 anos e uma loura com quem vive há três — vem conversar com os jornalistas. Com ele está o cacique Paio, da tribo zoro. Paio é velho e não fala uma palavra de português, mas presta atenção na conversa como se entendesse tudo. Catarino conta como eles conseguiram a demarcação das terras dos zoros.

— Foi uma luta difícil mas consegui unir as nações gavião, zoro, surui, cinta-larga, arara e mequém para pedir à Funai que tirasse 126 famílias de posseiros que estavam cortando madeira e construindo casas nas terras dos zoros. Demorou, tivemos de conversar muito com a Funai. Várias vezes nós pensamos em guerrear com os posseiros, mas no fim tudo terminou sem sangue — lembra o cacique, que chegou a chefiar um grupo de guerreiros armados e pintados de vermelho (cor da guerra) para pressionar o então superintendente da Funai em Cuiabá, Cantídio Guerreiro Guimarães, que na festa também foi homenageado pelos índios.

Depois da conversa com Catarino, os índios cercaram os jornalistas oferecendo artesanatos "baratinhos". Enquanto mostravam pulseiras adornadas com dentes de macaco, cocares e colares de tucumã, saía cabisbaixa e quase desapercebida uma equipe de documentaristas de uma televisão independente dos Estados Unidos, chefiada pelo diretor Glen Switkes. Eles queriam filmar a festa, mas como não tinham autorização nem souberam explicar a finalidade do "documentário" foram barrados no baile por Cantídio Guerreiro, que estava representando o ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto. Os americanos deixaram o parque a pé praguendo sob o peso do equipamento.

Pelo menos tiveram a sorte de levantar acampamento à tarde. O sol não estava tão forte e o calor já era suportável. Na mata densa, os pássaros entoavam uma espécie de sinfonia tropical, alguns invisíveis nas árvores. O dia começava a terminar no Grande Aripuanã. Na picada, macacos curiosos acompanhavam do alto das copas a movimentação da volta. Os índios levavam a comitiva até a pista onde o teco-teco ficara estacionado. Agora, os brancos também usavam cocares e colares. Durante o voo de volta veio o anoitecer. Lá embaixo, a selva adormecia.

Continental faz lançamentos para todos os gostos

Rosângela Petta

Num cenário em que os empresários cantam as próprias glórias, com farta distribuição de discos de ouro e platina (mas ao mesmo tempo escondem os reais números de venda, com a desculpa da "tradição de sigilo" das produtoras fonográficas), existe uma gravadora que se dá o luxo de bancar a otimismo e querer enfrentar a hegemonia de supermultis como a CBC, RCA, EMI, Polygram e WEA. A brasileira Continental, com mais de 40 anos de vida e até bem pouco tempo órfã de um catálogo internacional - que representa cerca de 30% do que se ouve no Brasil - está partindo para a ofensiva com uma fórmula simples: lançar discos nos mais variados estilos, já que sempre haverá público para cada um deles.

É a estratégia do diretor artístico da Continental, Wilson Souto Júnior - o "Gordo", 35 anos, célebre animador cultural da Paulicéia e responsável pela criação do Teatro Lira Paulistana. Hoje, a casa está arrendada para um salão de danças, mas Gordo não se deu por vencido e, através da gravadora, continua praticando o que chama de "descobrimto do Brasil".

Assim, o esquema da Continental ultimamente é promover os artistas do Sul no próprio Sul, os nordestinos no Nordeste, os urbanos nas grandes capitais - e, quando for possível, integrar uma e outra tendência em eventos de alcance nacional.

Gordo afirma que a Continental cresceu sensivelmente em 1986, mas não confirma números. Comenta-se que a gravadora chegou a ameaçar as companhias que mais vendem no País - um triunvirato que detém pouco mais de 50% do total de vendas, for-

mado pela CBS, RCA e Polygram - colocando no mercado mais ou menos 12 milhões de discos, fitas e compactos (foram adquiridos no Brasil, ao todo, 56 milhões de LPs, 16 milhões de fitas e 2 milhões de compactos simples, segundo o Instituto Paulista de Pesquisa de Mercado).

— O que eu quero mesmo é concorrer de igual para igual com as outras companhias - diz. O que não está longe de conseguir.

Para começar o ataque, ele se armou de contratações de prestígio: Tim Maia, Luis Melodia, Jards Macalé (que ressurgiu com três LPs programados para 87), Cida Moreyra, Dominginhos e o Grupo Pau Brasil, entre outros. Na área internacional, Gordo tratou de não ficar por fora do clube dos 30%, acertando a edição de selos ingleses independentes, o que lhe dá a distribuição de Dead Kennedys, UK, Sub e Venon, por exemplo. Sem contar os projetos especiais, como o novo musical do Balé Guaira, "O Romance das Sete Luas", de Edu Lobo e Chico Buarque, a reedição melhorada de fonogramas de Noel Rosa e um disco que homenageia João de Barro - o Braguiha - primeiro diretor artístico da Continental.

— Ao lado desse lance de fortalecer o mercado interno, com trabalhos regionais, nós estamos voltados para a exportação de MPB - avisa Gordo. - Os japoneses gostaram do teipe que levei da Cida Moreyra. O Melodia está em turnê pela França. E há pouco tempo acompanhei a gravação de Miúcha e Pablo Milanés em Cuba. Essa nossa música, tão diversificada, não tem similar em lugar algum. Cada artista tem o seu barato. Pois não estamos acertando lançamentos de Milionário e Zé Rico na China?